

VIEIRA, Yara Frateschi, MORÁN CABANAS, Maria Isabel, CABO, José António Souto. *O Caminho Poético de Santiago: Lírica galego-portuguesa*. São Paulo: Cosac Naify, 2015, 224 p. (ISBN 978-85-405-0802-6)

Lênia Márcia Mongelli

Resenha recebida em: 30/04/2015  
Resenha aprovada em: 28/05/2015

---

O apuro editorial na apresentação deste belo livro faz jus não só à originalidade do tema nele abordado, como ainda à excelência dos especialistas que o conceberam, uma brasileira e dois galegos, todos longamente versados na difícil tarefa de ler, editar e interpretar a complexa matéria da tradição poética trovadoresca em terras peninsulares. Os obstáculos são mesmo numerosos e, para obter resultados satisfatórios, é indispensável o olhar arguto que aqui se constata a cada página: quer pela escassez de testemunhos e pela especificidade material dos três manuscritos disponíveis, contendo as cantigas (*Cancioneiro da Ajuda, Cancioneiro da Vaticana e Cancioneiro da Biblioteca Nacional*), compostos/copiados em momentos diferentes; quer pela ausência da notação musical, salvo parcas exceções, embora esses textos tenham sido escritos para o canto; quer pelo estado fragmentário de muitas composições ou pela dificuldade de atribuição delas a trovadores de biografia tantas vezes nebulosa; quer pela filiação dessa poesia ao modelo provençal de que proveio sem, no entanto, perder as marcas de sua própria identidade; quer, ainda, pela necessidade de situar essa produção em seu tempo (vigente de fins do século XII a meados do século XIV) e de compreendê-la segundo o gosto normativo que a regeu. Ou seja, por tudo isso e por muito mais, a indiscutível qualidade dos *fremosos cantares* não se revela de imediato, é preciso trazê-la à tona e torná-la visível também ao leitor não especializado. Neste sentido, os autores estão prestando um enorme

serviço inclusive à tradição lírica brasileira, cuja poesia, como se sabe, tem os pés solidamente plantados em suas heranças d'além-mar.

Pois os organizadores da Antologia saíram-se muito bem de sua pacienciosa tarefa, talvez por terem objetivos bastante claros. Dentre os 160 trovadores cujos nomes são conhecidos, escolheram apenas 25 (e outros quatro que com eles estreitamente dialogaram, inclusive dois reis: Dom Afonso X, Dom Dinis, João de Gaia e João Zorro), o que pareceria amostra restrita, não fossem todos eles ligados a Santiago de Compostela (capital da Galiza), ou por referência textual própria ou por documentação histórico-geográfica que os filia àquela área. Esse é um critério de escolha verdadeiramente relevante, considerando-se o papel que desempenhou Santiago como centro de peregrinação durante a Idade Média, não só na Península Ibérica como de fora dela. Lugar de devoção religiosa, mas também de origem e difusão da lírica trovadoresca, para ali confluíam diferentes estamentos sociais, da aristocracia à burguesia em ascensão e ao campesinato, responsáveis, de uma maneira ou de outra, pelo poderio econômico da Sé, sua inquestionável influência política e sua pujança cultural. Sendo essa poesia de matiz nobiliárquico, as poderosas cortes senhoriais que orbitavam à volta dos tentáculos compostelanos fomentaram sua produção, a começar dos monarcas, eles mesmos bons poetas. Assim, mais do que aspectos puramente técnicos e estético-literários, a Antologia oferece um amplo painel de relações sócio-históricas, texto e contexto dinamicamente articulados, apresentando-nos uma paisagem humana de extraordinária vivacidade. As enxutas “notas antes de iniciar o caminho”, conforme reproduzo aqui o título da Introdução, estimulam o leitor a fazer, também ele, a “sua” peregrinação por terras galegas segundo a óptica dos poetas em foco.

Aliás, é bom que se reitere: tudo neste livro é concisão, economia que só convence quando é precisa. Apoiados em uma sólida e atualizada Bibliografia, bem como em documentação oriunda de diversas fontes (clericais e profanas), os organizadores estão à vontade para fazer observações até então inéditas, para levantar hipóteses sobre passagens herméticas ou divergências estruturais de versos e estrofes, ou para optar por determinada solução filológica, desde que respeitada, até o limite do possível, a lição dos manuscritos. Tais cuidados permitiram a eliminação das notas de rodapé (contendo variantes, por exemplo) e ajudaram a manter as interpretações (sempre subjetivas, claro!) rigorosamente nos limites da própria cantiga, tornando-as no mínimo plausíveis.

Com isto, o parâmetro metodológico que daqui se colhe é instigante para qualquer pesquisador. Os 62 textos selecionados, dispostos dentro da ordem alfabética em que se organizaram os 29 autores (representados por um, dois, três ou quatro poemas), foram abordados segundo uma mesma sequência analítica: dos dados biográficos e históricos-culturais envolvendo o trovador, passa-se à indispensável paráfrase do texto (o galego-português não é língua imediatamente acessível) e à sua sucinta interpretação. Se algumas cantigas, de superior fatura, são sobejamente conhecidas porque constantemente retomadas por releituras críticas dos Cancioneiros (como “Pelo souto de Crexente”, de João Airas de Santiago, “Levad’, amigo, que dormides as manhanas frias”, de Nuno Fernandes Torneol, ou, ainda, “Levou-s’ a louçana, levou-s’ a velida”, de Pero Meogo), outras serão novidades para muitos, como as compostas pelo trovador Pai de Cana ou a que nos apresenta Sancho Sanches, de obscura biografia. O leque de cantigas procurou ater-se à variedade de gêneros – tanto os maiores, *cantiga de amor*, *cantiga de amigo*, *cantiga de escárnio e maldizer*, quanto os menores, a *tenção*, a *pastorela* e o *descordo* – de modo inclusive a poder desnudar o extraordinário requinte formal dessa poesia, através de recursos como o *dobre*, o *mozdobre*, o *paralelismo*, as *coblas doblas*, a *palavra perduda*, a *atafinda*, a *aequivocatio*, a *maestria*, o *refrão*, o *contrafactum* etc., de que a fragmentária *Arte de Trovar*, único tratado de poética medieval galego-portuguesa (apenso ao *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*), oferece alguns preceitos. Os laços temáticos com a moda provençalizante do *amor cortês* ou com a tradição românica do *locus amoenus*, apontados também por meio do diálogo que textos e trovadores estabelecem entre si, em estreita convivência, são outro segredo do dinamismo da coletânea.

Os apêndices, ao final, atendem ao formato geral do livro. Se o Glossário é sempre um ponto de partida, pode-se contar ainda com *facsimiles* dos Cancioneiros, em que se destaca o da *Ajuda*, por ser contemporâneo aos trovadores e por trazer iluminuras (mais iniciais capitais), com o espaço reservado à notação musical que não se concluiu. Consoante os intuits sociológicos, históricos e geográficos que moveram os organizadores, um utilíssimo mapa de Santiago de Compostela orienta o leitor, bem como um índice dos topônimos que aparecem nas cantigas. Ambos complementam os esforços de resolver incógnitas há muito apontadas sobre a vida desses poetas, através de novas pistas. Por exemplo: desde D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, passando por António

Resende de Oliveira (*Depois do espetáculo trovadoresco*), que João Soares Somesso é considerado membro da linhagem portuguesa dos Valadares, sugestão abonada pelo *Livro de Linhagens do Deão*; contudo, dizem os antologadores, “as últimas propostas biográficas sobre o poeta preferem considerar que se trata de um membro da família galega dos Fornelos, provavelmente o João Soares de Fornelos que redige o seu testamento em 1257 na vila de Ribadávia”<sup>1</sup>. Quanto a João Vasques de Talaveira, pode ser finalmente “identificado com João Vasques, várias vezes considerado de forma errônea outro poeta, dada a falta de referências históricas a um trovador com esse mesmo nome, mas sem o topônimo...”<sup>2</sup>. Encerre-se o rol de exemplificações: “Apesar do topônimo apostado ao seu nome, não se pôde comprovar até hoje que Pedro Amigo de Sevilha fosse sevilhano. Pelo contrário, os documentos encontrados registram, por um lado, um Pedro Amigo, clérigo da freguesia de Santo Tirso de Ambroa (município de Irijoa/Irixoa, Corunha) entre 1238 e 1275; e um Pedro Amigo, cônego de Oviedo e ‘companheiro’ da Igreja de Salamanca, entre 1288 e 1302. Demonstra-se, nos dois casos, uma relação com o mundo jogralesco...”<sup>3</sup>.

Se essas referências nos permitem deambular prazerosamente por uma Santiago de Compostela medieval, por cortes festivas e praças apinhadas de romeiros, a análise dos textos propriamente dita acrescenta deliciosos pormenores à paisagem urbana. Quem não se rende aos *escárnios de amor* de Fernão Pais de Tamalhancos, para cuja linhagem confluem estirpes poderosas como a dos Travas e a dos Celanovas, dirigidos também à abadessa do mosteiro de Dormeá e prima do trovador, em que se combate a volubilidade feminina? Ou à inteligente releitura da mais que célebre “cantiga de guarvaia” (“No mundo non me sei parelha”, de Pai Soares de Taveirós), com problemas que vão desde “erros de cópia” (“dois versos iniciais da segunda estrofe”) até a identificação da “filha de dom Pai Moniz”, por muito tempo suposta como sendo a “Ribeirinha”, amante de Dom Sancho I – finalmente apontada como “filha de Dom Pai Moniz de Rodeiro, de importante família galega e documentado como pertigueiro de Santiago em 1210”<sup>4</sup>? E o que dizer da impiedosa sátira à “covilheira velha” (Afonso

---

<sup>1</sup> VIEIRA, Yara Frateschi, MORÁN CABANAS, Maria Isabel, CABO, José António Souto. *O Caminho Poético de Santiago: Lírica galego-portuguesa*. São Paulo: Cosac Naify, 2015, p. 77.

<sup>2</sup> *Ibid.*, p. 83.

<sup>3</sup> *Ibid.*, p. 139.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 132

Eanes de Cotom) ou às alegres *soldadeiras* como Maria Peres (Pero da Ponte), no extremo oposto da fluida delicadeza com que belas juvenzinhas bailam sob avelaneiras floridas (João Zorro) ou *louçanas* lavam os cabelos em frias fontes (Pero Meogo)? Para não nos alongarmos, avalie-se a certa proposta dessas interpretações lendo o “escudeiro” João de Gaia, “Eu convidei um prelado a jantar, se ben me venha”, cantiga feita para satirizar “um bispo de Viseu, natural de Aragão”: de “temática gastronômica”, faz “a tentadora descrição do que seria um banquete oferecido a um prelado bem situado na corte real” e aproveita, ainda, para denunciar o excessivo gosto do Bispo por bebida.

Por fim, não se conclua sem aplaudir a feliz ideia do capítulo “Trovadores e textos em diálogo”, onde comparecem Dom Afonso X (1221-1284) e Dom Dinis (1261-1325), avô e neto lado a lado, responsáveis ambos por reinados em que os trovadores tiveram a melhor acolhida e incentivo. Do primeiro, autor também das *Cantigas de Santa Maria* (427 composições, entre narrativas de milagres e louvores à Virgem, acompanhadas da pauta musical), foram selecionados apenas dois textos, eloquentes quanto ao potencial criativo do monarca Sábio: “Non me posso pagar tanto”, com “fortes ressonâncias intertextuais de origem latina, castelhana, provençal e francesa”, conforme requeria a erudição do soberano, e um acentuado pendor confessional, não muito comum ao tempo; “O genete”, cuja notoriedade assenta, dentre outros artifícios, na movimentada descrição de uma batalha entre mouros e cristãos, no episódio da chamada “Reconquista”, em que o leitor quase “ouve” o tropel dos cavalos, tal a força do ritmo e das rimas no poema. De Dom Dinis, cujo extenso Cancioneiro compõe-se de 137 textos, selecionaram-se quatro amostras lapidares, das quais resultou uma “aula” sobre o trovadorismo galego-português: “Levantou-s’ a velida”, em “conversa” com a cantiga de Pero Meogo, e “Ua pastor ben talhada”, *pastorela* que introduz na lírica peninsular o “papagai mui fremoso, / cantando mui saboroso, / ca entrava o verão” – cenários tratados com aquela sensualidade plena de simbolismos; com “Quer’ eu en maneira de proença” e “Proençaes soen mui ben trobar”, o Rei mostra-se não só um autêntico cultivador da moda provençal de fazer poesia, como também um afinado observador das diferenças entre ela e a lírica peninsular, na forma e no conteúdo. A posteridade deve-lhe a aguda procedência desta crítica!

No caso do leitor brasileiro, principalmente do estudante, espera-se que esta Antologia – trabalho impecável! – corrija de vez a injustificada distorção de supor que a

poesia trovadoresca é apenas “repetitiva” e que *cantiga de amor* e *cantiga de amigo* pouco se distinguem entre si... O melhor é poder constatá-lo “passeando” por Santiago de Compostela e arredores, como quiseram os organizadores.

